

# A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* CAPITALISTA NO BRASIL: UMA LEITURA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

*Eneuton Pessoa*<sup>1</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Conjunturas de acesso fácil aos recursos externos diversas vezes causaram a impressão de que o Brasil havia superado, como num toque de mágica, os seus problemas econômicos básicos: finanças e tecnologia. No entanto, superadas essas fases de otimismo, pela inversão das condições externas favoráveis, recupera-se a consciência de que os êxitos econômicos, na realidade, e de modo recorrente, têm contribuído para adiar a solução dos problemas estruturais do país.

A persistência desses e de outros problemas econômicos, de algum modo está relacionada, também, à ação das elites empresariais do país. Como regra, a atividade empresarial orienta-se pela lei do menor esforço, da qual resulta um comportamento pouco transformador, que visa, antes, a adaptação ao ambiente. De outra parte, o imediatismo nos negócios e a atenção restrita ao objetivo do lucro máximo fundam a selvageria nas relações sociais, a qual, se no passado tomava a forma da escravidão de índios e negros, no dias de hoje, se revela nas baixas remunerações do trabalho e na crescente desigualdade social.

Mas a que se deve esse histórico descompromisso das elites empresariais com os destinos e o processo civilizatório do país? Uma possível leitura de Sérgio Buarque de Holanda remete-nos a considerar essa questão sob a perspectiva da perpetuidade de um sentimento de des-terro em relação à própria terra. E isto se remete, de algum modo, à constituição da mentalidade do homem econômico na época da empresa colonial: por um lado, a ação colonizadora estava direcionada

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Economia da UFMA e Doutorando pelo IE - UNICAMP.

estritamente para a realização do negócio e, por outro, ela se destinava, antes, à apropriação e uso de forma deletéria dos recursos. Ambos os fatores respondem pela desatenção quanto à construção e desenvolvimento de um genuíno processo de modernização do país. Nesse sentido, ao considerar o Brasil uma "procissão de milagres", Sérgio Buarque de Holanda coloca, em primeiro plano, a vinculação entre o ethos capitalista, conforme ele foi se constituindo no Brasil, e as direções e limites de nossa sociedade.

O propósito deste artigo é então o de refletir, a partir da leitura das Obras de Sérgio Buarque de Holanda, em especial *Caminhos e Fronteiras* e *Visão do Paraíso*, sobre a construção do *ethos* capitalista no Brasil, o que nos leva ao momento de sua constituição nos tempos do negócio colonial em São Paulo. Optamos por estruturá-lo de uma maneira mais livre: inicialmente, acompanhamos o autor em suas reflexões sobre o processo histórico do desenvolvimento do "espírito de aventura" na colonização de São Paulo. Nesta discussão, ressalta-se os refinamentos por que passa o espírito de aventura, inicialmente forjado pela educação moral das selvas, no negócio das bandeiras, até assumir traços mais condizentes com a atividade comercial, no negócio das tropas e das viagens de monções.

Em seguida, o artigo trata da persistência dos elementos tradicionais no espírito de aventura paulista. Por um lado, tropeiros e monçoneiros ainda portam traços do espírito bandeirante, e, por outro, persiste o conservadorismo do espírito lusitano, sob a forma dos "ideais de vida estável". Neste momento, a reflexão sobre o aparente paradoxo da manutenção de traços da mentalidade tradicional, em meio à força expansiva e à adaptabilidade ao ambiente demonstrada pelos colonizadores de São Paulo, permite alguns *insights* sobre o porquê do caráter historicamente pouco transformador do *ethos* capitalista no Brasil.

## 2. ESPÍRITO DE AVENTURA E AÇÃO EMPREENDEDORA NA COLONIZAÇÃO PAULISTA

Se há algum traço de continuidade nas obras *Raízes do Brasil*, *Caminhos e Fronteiras* e *Visão do Paraíso*, certamente que ele subsiste na

ênfase concedida por Sérgio Buarque de Holanda ao espírito de aventura. Contudo, se em *Raízes do Brasil* autor identifica no espírito de aventura algo oposto ao espírito do capitalismo, em *Caminhos e Fronteiras* e *Visão do Paraíso*, a aventura vai ser considerada a base constitutiva do *ethos* capitalista no Brasil, e particularmente em São Paulo.

Em *Raízes do Brasil*, o espírito de aventura corresponde a um tipo ideal de personalidade, o qual se define, em essência, em contraposição ao espírito do trabalho. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, a exploração dos trópicos teria ocorrido com a ênfase maior recaindo sobre as qualidades do tipo aventureiro: “*audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem - tudo enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo*” (1995:44).

O predomínio desses traços de personalidade na colonização do país seria o fator responsável por grande parte das mazelas da sociedade: a herança do sistema da grande lavoura à base da monocultura para exportação; a grande propriedade e o regime de trabalho escravo; o uso predatório dos recursos naturais; o menosprezo pelo cálculo e pelas atividades manuais; a inexistência de laços estáveis de sociabilidade inerente às atividades cooperativas; o gosto pelo luxo; o apego às aparências e à excitação dos sentidos; o amor ao ganho fácil; e, finalmente, o exagerado personalismo sob a forma de “*uma acentuação singularmente enérgica do afetivo, do irracional, do passional, e uma estagnação ou antes uma atrofia correspondente das qualidades ordenadoras, disciplinadoras, racionalizadoras*” (1995:61). Em resumo, o predomínio de todos os traços de personalidade que o autor considera se oporem à construção do *ethos* capitalista: a constituição de sujeitos racionalizados, parcimoniosos e disciplinados, com afetos calculados, e com gosto pelo trabalho estável.

Nesse sentido, em *Raízes do Brasil* o autor discorre sobre dualidades: trabalho *versus* aventura, ócio *versus* negócio, iberismo *versus* americanismo. E se assume um crítico da tradição, opondo o espírito de aventura ao espírito do trabalho e identificando este último com o espírito do capitalismo.

Ocorre que a associação restrita do espírito do capitalismo com a ética do trabalho, nos moldes de Weber, como o faz o autor, não é de todo apropriada, uma vez que Weber considera a ética do trabalho como apenas um dos elementos do capitalismo, o outro seria o próprio espírito de aventura. Na realidade, a ética do trabalho é fundamentalmente uma ética pré-capitalista, do pequeno-burguês que toca o seu negócio mobilizando as forças produtivas, sua e da sua família, e, quando muito, com a ajuda de alguns poucos empregados. Já em Sombart, o espírito capitalista, ou *Geist*, é uma síntese do espírito de empreendimento ou aventura com o espírito burguês de prudência e racionalidade (Dobb, 1983:6). O primeiro se identifica com o gosto pela pecúnia, e o segundo, com uma racionalidade sóbria que se afirma por meio de um comportamento utilitarista e quantitativo, que tende a subordinar as outras esferas de vida.

É precisamente na perspectiva do espírito do capitalismo que Sérgio Buarque de Holanda, em *Caminhos e Fronteiras*, identifica o espírito de aventura com o amor à pecúnia. Esta obra, que trata da ação colonizadora paulista, em sua dimensão material — inicialmente, por meio do bandeirante, e a partir do terceiro decênio do século XVIII, por meio do tropeiro e monçoneiro —, revela a grande mobilidade da população rumo ao interior; essa característica da colonização de São Paulo destoa da tradição portuguesa de fixação no litoral.

Essa especificidade da gente paulista, pelo concurso dessas personagens, estabelece, de forma pioneira no país, uma conexão mais íntima do espírito de aventura com a ação empreendedora. As entradas e bandeiras a pé, rumo ao interior, no século XVII, e as cavalgadas e viagens de monções para o sertão remoto no século seguinte, enfrentando perigos e obstáculos por terras desconhecidas, denotam a força expansiva e a coragem da gente paulista em busca de riquezas. Por outro lado, essa mobilidade dos paulistas, no fundo, e, paradoxalmente, nutrindo os “mesmos ideais de vida estável” dos portugueses que se estabeleceram no litoral do país, deveu-se à grande pobreza do lugar. De sua parte, isto também contribuiu para o maior abandono e liberdade da colonização das terras de São Paulo.

Com efeito, em nenhuma outra parte do país a colonização gozou tamanha liberdade de iniciativa e abandono. Desde o início o português e seus descendentes mamelucos, deixados à própria sorte e tendo de se haver apenas com os seus poucos recursos, direcionaram as suas energias para aquelas atividades e formas de vida consentâneas com o ambiente hostil e com a rusticidade da economia do lugar. À luz desses elementos é que se pode conceber a disseminação tardia das formas de vida metropolitana em São Paulo e porque apenas no século XVIII a língua portuguesa conseguiu sobrepujar a do gentio. Ademais, São Paulo foi a sede das “bandeiras espontâneas”, isto é, não-oficiais, e era também notória a resistência dos paulistas às tentativas de disciplinamento de suas atividades econômicas<sup>2</sup>.

### 3. SOBRE A PRÁTICA DAS SELVAS

Na figura do bandeirante fixaram-se os hábitos aventureiros dos paulistas nos tempos coloniais. Sérgio Buarque de Holanda considera o tropeiro pertencente à família bandeirante e precursor, em muitos aspectos, do grande fazendeiro, e a Monção, uma nova fase do sertanismo paulista (1994a:133 e137). Segundo ele, “(..) o que ainda perdura de comum entre uns e outros [bandeirantes e monçoneiros] é talvez a coragem sossegada, a aparente indiferença às ameaças, aos perigos e, muitas vezes, às maiores catástrofes” (Idem: 137) E conclui: “... A colonização paulista do Cuiabá e Mato Grosso é como uma réplica, em escala reduzida, do que foi a colonização portuguesa do Brasil. São Paulo deu o que podia dar, e certamente não era muito, uma vez que lhe faltava em braços e recursos materiais o que lhe sobrava em energias” (Ibidem:150).

Como vimos, foi notória a maior liberdade de ação e iniciativa dos paulistas. Por um lado, a pobreza do lugar dispensava maiores contro-

2 Neste sentido, Sérgio Buarque de Holanda escreve: “A mobilização da gente do planalto visando a captura de fantásticas riquezas para a Coroa constitui, sem dúvida, uma ameaça à vida livre e sem sujeição de quem se tinha habituado, de longa data, a tamanha soltura. Da resistência que opunham os de São Paulo a quaisquer providências tendentes a cercear essa liberdade há exemplo, aliás, em outros setores. Assim, quando o mesmo D. Francisco pretendeu forçar o plantio ali de trigais e videiras, levantou-se logo no povo uma celeuma grande, pois que os lavradores só queriam cultivar o que bem lhes aproovesse” (1994b: 55-56).

les da Coroa Portuguesa, e por outro, a escassez de recursos e braços estimulava as entradas e bandeiras; de início, com o intuito de apresamento dos índios, e depois, em busca de metais preciosos. O convívio constante desses paulistas com as selvas e os silvícolas, os fizeram adestrados à "prática das selvas".

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, mais do que uma atitude adaptativa, a prática das selvas se constituía, efetivamente, numa verdadeira educação moral: *"Mas a contínua prática da selva não estimula somente essa espécie de adaptação quase fisiológica às situações mais perigosas, comparável, em suma, à arte do acrobata ou do pelotiqueiro. Representa, em primeiro plano, uma verdadeira educação moral, cujas conseqüências não podem ser apreciadas de modo abstrato, e independentemente das condições particulares que a suscitaram"* (1994a:120).

A prática das selvas deixou a sua marca no temperamento dos netos de bandeirantes, na maioria das vezes taciturnos, meticolosos e arrojados. Para o autor, embora se possa atribuir esse comportamento à herança indígena, o fato é que, se o "tipo bugre" prevaleceu em certas paragens, suplantando, inclusive, a bravura e a arrogância dos primeiros bandeirantes e paulistas, é porque ele era o mais adequado à sobrevivência no ambiente hostil. Não por acaso essa foi uma época de grande beligerância, sendo o homicídio traiçoeiro socialmente mais aceito do que o furto, principalmente se este fosse desacompanhado da violência física (1994a:87).

Também na maneira de lutar, a educação das selvas deixou a sua marca sobre a mentalidade bandeirante. A luta, na maioria das vezes de emboscada, não se condicionava ao prestígio da coragem física, mas ao desprezo pelo inimigo, e chegava a ser quase uma extensão da atividade de caça (Idem:123). É certo assim, que a arte de lutar prescindia de certas regularidades e ordenamentos. Sua dinâmica era a da natureza, cheia de surpresas, a requerer, antes, a presença de espírito, o esforço e a habilidade individuais.

Acontece que a prática das selvas era parte integrante do cotidiano da "grande empresa bandeirante". O bandeirante adentrava os sertões vi-

sando realizar um negócio: o apresamento do gentio ou o golpe de sorte que levasse à descoberta do metal precioso, quando não, de ambas as coisas. Assim é que, mesmo na vigência da lei da selva, a decisiva condenação moral do furto está a indicar a noção do direito de propriedade suplantando os demais. Concedamos a palavra ao autor: "... *Dessa forma se explicará melhor a atitude quase benévola com que, em muitos meios sertanejos, ainda é costume encarar alguns crimes violentos, particularmente os de morte. Atitude tanto mais estranhável, quanto é, precisamente em tais meios, que a noção de uma lei moral inflexível e absoluta consegue impor-se com maior facilidade, e onde há delitos considerados aviltantes e desprezíveis, como o furto*" (1994a:120-121).

#### **4. TROPEIROS E MONÇONEIROS: DESENVOLVIMENTOS DO ESPÍRITO DE AVENTURA**

Mas se o espírito de aventura e a tendência à mobilidade dos bandeirantes, tropeiros e monçoneiros dão a tônica à ação colonizadora em São Paulo, isto não significa que seja a mesma a mentalidade dessas personagens. As diferenças de atividade e de ambiente onde cada uma delas desenvolveu suas ações, vão condicionar, e muito, os seus hábitos e atitudes.

No caso, a beligerância, o imediatismo e o comportamento de rapina, próprios da mentalidade bandeirante, se atenuaram com as feiras de tropa. Na figura do tropeiro, o espírito de aventura baseado na coragem da iniciativa econômica ganha proeminência. As relevantes somas dos haveres transacionados e o caráter aleatório do negócio das feiras, estavam a requerer, de quem deles participasse, uma razoável dose de previdência, coragem e senso de oportunidade.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, as feiras de animais de Sorocaba significaram uma evolução da economia e também da sociedade paulista. A natureza dos negócios estava a exigir uma transformação da mentalidade: o espírito de aventura baseado na fraude e na agressividade cede lugar a uma ação mais disciplinada, movida pelo

amor à pecúnia. Essas virtudes burguesas impactaram de forma significativa a sociedade tradicionalista de São Paulo, que, no seu íntimo, ainda era avessa ao comércio e às artes mecânicas. O autor então se indaga: *"Não haverá aqui, entre parêntese, uma das explicações possíveis para o fato de justamente São Paulo se ter adaptado, antes de outras regiões brasileiras, a certos padrões do moderno capitalismo?"* (1994a:133)

Também nas viagens de monções, as ambições mais sistematizadas, disciplinadas e metódicas se estabeleceram. Sem dúvida, era uma novidade para os negócios, ainda afeitos aos horizontes ilimitados das marchas a pé ou de tropas, o deparar-se com indivíduos acotovelados vários dias nos barcos, muitas vezes em situações de intempérie e em ambiente hostil. Em substituição ao dispêndio de energia física e ao complexo de atitudes relativo à "prática das selvas", requisitava-se o uso do intelecto para o desenvolvimento da sociabilidade, o cálculo das perdas e lucros e a tomada de providências visando o bom termo das viagens, isto é, o resguardo de mercadorias, mantimentos e passageiros.

## 5. OS ELEMENTOS TRADICIONAIS NA COLONIZAÇÃO E A ATITUDE ADAPTATIVA DOS PORTUGUESES

As mudanças do espírito paulista não significam que a mentalidade burguesa se constituiu com a erradicação plena dos "elementos tradicionais", nem pela superação, no íntimo, do ambiente das selvas. Por um lado, tem-se que a figura do tropeiro ainda porta sentimentos de honra, dignidade senhoril, e ostentação, próprios a uma moral pré-capitalista<sup>3</sup>. Por outro, o fato de a figura do monçoneiro compartilhar com a do bandeirante, da *"coragem sossegada, e aparente indiferença às ameaças, aos perigos e, muitas vezes, às maiores catástrofes"* (1994a:137), expressa uma mesma configuração de caráter.

3 Segundo Sérgio Buarque de Holanda, "... não convém, em todo o caso, acentuar com demasiada ênfase a transformação que a influência das novas ambições promete realizar. Há na figura no tropeiro (...) uma dignidade sobranceira e senhoril, aquela mesma dignidade que os antigos costumavam atribuir mais ao ócio do que ao negócio. Muito dos seus traços revelam nele a herança, ainda bem viva, de tempos passados, inconciliável com a moral capitalista" (1994a: 133).

Mas se os “elementos tradicionais” tiveram continuidade é porque não eram incompatíveis para com os negócios, podendo em algumas circunstâncias serem mesmo úteis ao seu exercício. Por exemplo, o desprezo sobranceiro pelos trabalhos manuais e pelas atividades de subsistência era de molde a facilitar a plena mobilização de braços para o negócio do ouro. No período das monções, “... o trabalho dos homens estava inteiramente mobilizado para a busca do ouro. Nisto a obra de que as monções foram parte conspícua pode equiparar-se grosseiramente a um monstruoso e desordenado empreendimento capitalista. Capitalista no sentido mais lato e, naturalmente, menos rigoroso que pode admitir a palavra. Todos os gestos, todos os atos são determinados, nesse caso, pelo gosto da pecúnia e visam a um objetivo preciso e previsto. Tão absorvente por sua vez é esse objetivo, que relega para um plano inferior o que não lhe possa servir imediatamente” (1994a:150).

Ou seja, ao invés da mentalidade tradicionalista se opor ao negócio colonial, no caso do Brasil e, especialmente de São Paulo, ela contribuiu para o seu êxito. Nos referimos aqui, fundamentalmente, à atitude adaptativa do português conquistador. O que seria da colonização de São Paulo, tão carente de braços e recursos, se não fosse a extrema capacidade de adaptação ao ambiente das selvas? Decerto que sob o ponto de vista da cultura européia a selva representava um retrocesso. No entanto, a firmeza de propósitos do colonizador, orientado pelos “ideais de vida estável”, é indício de que a sua adaptação era qualquer coisa formal e de conteúdo pragmático<sup>4</sup>.

É então aparente a desvantagem do conquistador que se vê compelido a absorver elementos da cultura material do gentio. À primeira vista, sob o aspecto da cultura, o índio levava vantagem. As técnicas adventícias, por exemplo, só eram absorvidas quando pareciam ser de bom alvitre. Diferentemente, o branco teve de se adequar a diversos hábitos alimentares, estratégias e recursos do índio. Mas, fundamentalmente,

<sup>4</sup> Essa proposição pode ser derivada do seguinte parágrafo: “...as maiores probabilidades de determinar e criar o futuro, o verdadeiro manancial de energias ativas, não estavam nos costumes naturalmente mais policiados e sem dúvida mais suaves, que se iam implantando no litoral, e nem mesmo na indignação piedosa do jesuíta contra os escravizadores de índios. Estaria antes nos instintos obscuros, nas inclinações muitas vezes grosseiras, nos interesses freqüentemente imorais que animavam o bandeirante devassador dos sertões” (1994a:21).

embora a adaptação do colonizador tenha sido uma questão de sobrevivência, ele não se tornou um índio<sup>5</sup>.

Vê-se, enfim, que a atitude adaptativa acompanha o espírito de aventura do português e de seus descendentes. Graças a ela o inóspito ambiente das selvas pôde ser conquistado. Também dela resulta uma ação colonizadora que aceita as coisas como são, isto é, prima por extrair intensivamente os recursos que o meio oferece. A que se deve, então, essa atitude adaptativa? Para Sérgio Buarque de Holanda ela é herança da mentalidade tradicionalista portuguesa.

## 6. ORIGENS DO ESPÍRITO CONSERVADOR PORTUGUÊS

Na obra *Visão do Paraíso*, Sérgio Buarque de Holanda discute as influências da mentalidade conservadora para o descobrimento e colonização do Brasil. O autor opõe a ação colonizadora dos latinos, portugueses e castelhanos, à colonização dos anglo-saxões, fundamentalmente pelo complexo de valores distintos - os motivos edênicos - que moveram o seu esforço colonizador<sup>6</sup>. Porém, dentre os povos navegadores, o português foi o menos movido pelas fantasias que nos *quinhetos* faziam a imaginação de cronistas e viajantes do além-mar. O realismo e o pragmatismo dominaram as grandes aventuras dos portugueses rumo aos mundos desconhecidos.

Assim é que o mundo lendário e edênico que acompanha as conquistas nos *quinhetos*, feito de ares temperados, seres mitológicos,

5 Sérgio Buarque de Holanda escreve: "Para a análise histórica das influências que podem transformar os modos de vida de uma sociedade, é preciso nunca perder de vista a presença no interior do corpo social, de fatores que ajudam a admitir ou rejeitar a intrusão de hábitos, condutas, técnicas e instituições estranhos à sua herança de cultura. Longe de representarem aglomerados inânimes e aluviais, sem defesa contra sugestões ou imposições externas, as sociedades dispõem normalmente de forças seletivas que agem em benefício de sua unidade orgânica, preservando-as tanto quanto possível de tudo o que possa transformar essa unidade. Ou modificando as novas aquisições até o ponto em que se integrem na estrutura tradicional" (1994a: 55).

6 Nas palavras do autor: "...Assim, se os primeiros colonos da América Inglesa vinham movidos pelo afã de construir, vencendo o rigor do deserto e selva, uma comunidade abençoada, isenta das opressões religiosas e civis por eles padecidas em sua terra de origem, e onde enfim se realizaria o puro ideal evangélico, os da América Latina se deixavam atrair pela esperança de achar em suas conquistas um paraíso feito de riqueza mundanal e beatitude celeste, que a eles se oferecia sem reclamar labor maior, mas sim como um dom gratuito..." (1994b: XVII).

eldorados, amazonas, serras de prata, lagoas mágicas e fontes da juventude, perde muito do seu brilho e encanto no descobrimento do Brasil. Para Sérgio Buarque de Holanda isto se deve ao "realismo pedestre" dos portugueses, ou seja, à sua adesão ao "real e imediato". Essa forma de ver o mundo, conservadora e pobre de imaginação, destoa da mentalidade renascentista que, à época, revolucionava o espírito.

Para o autor, as raízes do conservadorismo português estariam no amadurecimento prematuro do processo que constituiu o poder monárquico naquele país. A unificação de Portugal teria feito ascender uma burguesia não plenamente forjada na luta contra a nobreza e, por isso mesmo, ainda não de todo amadurecida dos seus valores. Assim, ao invés de participar da mentalidade renascentista, os portugueses se mostraram pouco afeitos às mudanças, compartilhando, no fundo, do conservadorismo dos interesses particularistas sobrepujados. Por isso, as formas modernas das instituições políticas e os grandes empreendimentos no ultramar, conviveram, contraditoriamente, com o conservantismo de espírito<sup>7</sup>.

Também porque quando os portugueses aqui chegaram já vinha de longe a sua experiência com o exterior, de alguma forma eles já eram imunes às fantasias que acompanham o descobrimento de terras estrangeiras. Ademais, em comparação com a América Espanhola, o Brasil em seus primórdios era destituído de atrativos - metais preciosos -, e, por isso mesmo, tendente a não suscitar a imaginação e a fantasia<sup>8</sup>. Tanto é assim que as primeiras bandeiras, de caráter "oficial", dirigidas, tencionavam, no fundo, chegar a um outro país, a um "outro Peru".

7 Na página 134, em *Visão do Paraíso*, Sérgio Buarque de Holanda afirma: "... Melhor se diria, forçando a comparação, que as formas modernas respeitaram ali, em grande parte, e resguardaram, um fundo eminentemente arcaico e conservador. Moderna é sem dúvida aquela avassaladora preponderância da Coroa (...) tratava-se, não obstante de uma simples fachada que mal encobria os traços antiquados, sobretudo a **forma mentis**, vinculada ao passado e avessa, por isso, à especulação e à imaginação desinteressadas do humanismo renascentista..."

8 Nesse sentido, "Surgindo com relativo atraso no horizonte das navegações lusitanas, sem o engodo de tesouros e maravilhas que, bem ou mal, tinha sido a causa de tantas outras expedições descobridoras, o Brasil não oferece campo nem mesmo a essas cintilantes associações. Ainda quando por livre vontade, seus antigos povoadores hão de habituar-se nele a uma natureza chã e aparentemente inerte, e aceitá-lo em tudo tal como é, sem a inquieta atração de outros céus ou de um mundo diverso" (1994b:146).

eldorados, amazonas, serras de prata, lagoas mágicas e fontes da juventude, perde muito do seu brilho e encanto no descobrimento do Brasil. Para Sérgio Buarque de Holanda isto se deve ao "realismo pedestre" dos portugueses, ou seja, à sua adesão ao "real e imediato". Essa forma de ver o mundo, conservadora e pobre de imaginação, destoa da mentalidade renascentista que, à época, revolucionava o espírito.

Para o autor, as raízes do conservadorismo português estariam no amadurecimento prematuro do processo que constituiu o poder monárquico naquele país. A unificação de Portugal teria feito ascender uma burguesia não plenamente forjada na luta contra a nobreza e, por isso mesmo, ainda não de todo amadurecida dos seus valores. Assim, ao invés de participar da mentalidade renascentista, os portugueses se mostraram pouco afeitos às mudanças, compartilhando, no fundo, do conservadorismo dos interesses particularistas sobrepujados. Por isso, as formas modernas das instituições políticas e os grandes empreendimentos no ultramar, conviveram, contraditoriamente, com o conservantismo de espírito<sup>7</sup>.

Também porque quando os portugueses aqui chegaram já vinha de longe a sua experiência com o exterior, de alguma forma eles já eram imunes às fantasias que acompanham o descobrimento de terras estrangeiras. Ademais, em comparação com a América Espanhola, o Brasil em seus primórdios era destituído de atrativos - metais preciosos -, e, por isso mesmo, tendente a não suscitar a imaginação e a fantasia<sup>8</sup>. Tanto é assim que as primeiras bandeiras, de caráter "oficial", dirigidas, tencionavam, no fundo, chegar a um outro país, a um "outro Peru".

7 Na página 134, em *Visão do Paraíso*, Sérgio Buarque de Holanda afirma: "... Melhor se diria, forçando a comparação, que as formas modernas respeitaram ali, em grande parte, e resguardaram, um fundo eminentemente arcaico e conservador. Moderna é sem dúvida aquela avassaladora preponderância da Coroa (...) tratava-se, não obstante de uma simples fachada que mal encobria os traços antiquados, sobretudo a **forma mentis**, vinculada ao passado e avessa, por isso, à especulação e à imaginação desinteressadas do humanismo renascentista..."

8 Nesse sentido, "Surgindo com relativo atraso no horizonte das navegações lusitanas, sem o engodo de tesouros e maravilhas que, bem ou mal, tinha sido a causa de tantas outras expedições descobridoras, o Brasil não oferece campo nem mesmo a essas cintilantes associações. Ainda quando por livre vontade, seus antigos povoadores não de habituar-se nele a uma natureza chã e aparentemente inerte, e aceitá-lo em tudo tal como é, sem a inquieta atração de outros céus ou de um mundo diverso" (1994b:146).

## 7. À ESPERA DE MILAGRES

Este conservantismo do espírito lusitano, com seus "ideais de vida estável", de tempos em tempos nos condenam aos caprichos da "Providência Divina". Segundo Sérgio Buarque de Holanda: "*Teremos também os nossos eldorados. Os das minas, certamente, mas ainda o do açúcar, o do tabaco, de tantos outros gêneros agrícolas, que se tiram da terra fértil, enquanto fértil, como o ouro se extrai, até esgotar-se, do cascalho, sem retribuição de benefícios. A procissão dos milagres há de continuar assim através de todo o período colonial, e não a interromperá a Independência, sequer, ou a República*" (1994b:334).

O "realismo pedestre" português conduziu a ação colonizadora à aceitação das coisas tais como elas se apresentavam, isto é, "*sem a inquieta atração de outros céus ou de um mundo diverso*". Isto não significa, contudo, que os portugueses fossem insensíveis ao mistério. Pelo contrário, a resignação ao real e ao imediato é próprio das mentalidades crédulas. E essa fé é tão mais firme quanto mais estimule posturas de vida à mercê de milagres<sup>9</sup>. Por exemplo, se o pragmatismo do colonizador o guiou para o negócio menos incerto da caça ao índio, a descoberta do ouro em Cuiabá no século XVIII, numa situação de já rareamento da mercadoria humana nas cercanias de São Paulo, se constituiria num "milagre"<sup>10</sup>.

Ocorre assim que a possibilidade de mudanças face a uma mentalidade que não estimula comportamentos ativos, construtivos, só pode ser decorrência do golpe de sorte ou do concurso de forças externas. Especialmente no âmbito dos negócios, o fato da atitude adaptativa levar a uma exploração deletéria dos recursos, isto é, sem a "retribuição de benefícios", faz com que a sua continuidade veja-se de tempos em tempos comprometida. Nessas situações, a aventura tende a ser mesmo refém do milagre, do golpe de sorte que permita superar os obstáculos recorrentes.

9 Sobre a crença inerente ao realismo português, ver Sérgio Buarque de Holanda (1994b:243).

10 Na página 53 (1994b), o autor escreve: "*Nas terras vicentinas, por outro lado, mais do que em qualquer outro lugar do Brasil, era viva e bem arraigada a tradição da caça ao gentio, que oferecia vantagens menos incertas do que as das minas lendárias, e é explicável que para eles encaminhassem facilmente os que buscavam tais vantagens.*"

Em suma, de uma leitura de Sérgio Buarque de Holanda preocupada em apreender alguns elementos do *ethos* capitalista no Brasil, conforme este foi se constituindo na exploração do negócio colonial, especialmente em São Paulo, "o pólo modernizador do Brasil", podemos dizer que o espírito de aventura se fez tributário da adaptação. Isto, se, por um lado, contribuiu para o êxito do esforço empreendedor, considerando a exigüidade de meios e as condições por demais adversas do ambiente, por outro, estabeleceu fronteiras no tocante à constituição de um genuíno processo de modernização do país.

Com efeito, a aventura do negócio, aqui, se fez acompanhar da selvageria, da "ética das selvas". Assim, o que dizer da figura do bandeirante, o ancestral do empresariado brasileiro, e da escravidão, senão que significavam o retrocesso à barbárie nas normas de convivência social? Os outros componentes da aventura, o pragmatismo e imediatismo, irmãos siameses da atitude adaptativa, ao tornarem rentável o negócio baseado na exploração deletéria de recursos materiais e humanos conduzem-no, paradoxalmente, ao seu limite. Daí que os empreendimentos carecem de forças motrizes capazes de determinar o seu auto-desenvolvimento, estando a sua renovação sujeita às injunções externas, e, porque não dizer, ao milagre, "caído do céu e sem causa aparente".

## 8. COMENTÁRIOS FINAIS

Nossa leitura de Sérgio Buarque de Holanda, destinada à apreensão do *ethos* capitalista no Brasil, conclui que a despeito de sua constituição encerrar elementos da mentalidade conservadora, nem por isso ele se mostra "incompleto". Neste sentido, ousamos dizer que a crueza inerente à atenção restrita aos negócios é o que verdadeiramente permite a sua constituição. Além disso, não se pode concluir por "irracional" e "imprudente", um espírito de aventura que sabe tirar do ambiente o maior proveito possível. Afinal, não compartilhamos da ilusão de que o capitalismo exista para dar conta das necessidades humanas.

Por fim, nossa leitura de Sérgio Buarque de Holanda não buscou se constituir numa exegese de suas obras. Antes, o tomamos de forma

mais livre, reclamando, no fundo, o trabalho de exorcista a que ele se propôs. Com a palavra final o autor: “.. *com um bom grão de verdade, diria efetivamente que uma das missões do historiador, desde que se interesse nas coisas do seu tempo - mas em caso contrário ainda se pode chamar historiador? - consiste em afugentar do presente os demônios da história*”(1994b:XVI).

## 9. BIBLIOGRAFIA

BUARQUE DE HOLANDA, S. *Caminhos e Fronteiras*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994a. 301p.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 220p.

\_\_\_\_\_. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979. 279p.

\_\_\_\_\_. *Visão do Paraíso*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b. 348p.

DOBB, M. *A Evolução do Capitalismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. cap.1, p.3-10.

VAINFAS, R. Sérgio Buarque de Holanda: historiador das representações mentais. In CANDIDO, A. (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 49-57.